

Professores(as) na trilha da escola pública popular

Gercina Santana Novais¹, Iraídes Reinaldo da Silva², Maria Adelina Cantalogo Silva³

Resumo

Este texto retoma fragmentos de pesquisa bibliográfica e documental sobre algumas manifestações das culturas populares no Brasil, registrando narrativas e buscando compreender a inclusão/exclusão da referida cultura no currículo das instituições públicas de ensino e como se dará a transformação desta escola em pública popular, voltada às classes populares. Os resultados permitem afirmar a importância de incluir as culturas populares no espaço escolar, de reconhecer o entrelaçamento entre educação e cultura e de favorecer a construção de uma escola pública popular inclusiva. Para tanto, o texto traz à tona a produção cultural das classes populares e a história de seus/suas produtores/as, estabelecendo compromisso com o direito de o sujeito narrar-se, narrar o outro e expressar-se sobre relações de poder. Por conseguinte, o texto indica a necessidade de ruptura, de abandono dos processos de valorização da cultura de massa; cultura esta que não remete para sujeitos produtores de cultura, mas para consumidores e, portanto, silencia as culturas dos grupos de convivência da maioria dos/as alunos/as que frequentam a escola pública brasileira..

Palavras-chave

Culturas Populares. Escola Pública Popular. Pluralidade Cultural.

1. Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo, professora colaboradora do Grupo de Pesquisa em Educação e Culturas Populares da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: gercinanovais@yahoo.com.br.

2. Especialista em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia, professora de matemática da rede pública municipal de Uberlândia, membro do Grupo de Pesquisa em Educação e Culturas Populares da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: iraiders@yahoo.com.br.

3. Especialista em Educação Especial pela Universidade Federal de Uberlândia, pedagoga da rede pública municipal de Uberlândia, coordenadora do Programa de Formação Continuada com Profissionais do Ensino Básico em Exercício nas Redes Públicas de Ensino. E-mail: adcantalogo@proex.ufu.br.

Teachers in the Popular Public School footsteps

Gercina Santana Novais*, Iraídes Reinaldo da Silva**, Maria Adelina Cantalogo Silva***

Abstract

This article, based on Brandão (2004) about popular culture and on Esteban (2008) about education of popular classes, resumes parts of bibliography and documental research on specific expression of popular cultures in Brazil, it is registering narratives and objecting understand the means of including/excluding of refered culture at resumé of popular public school and the means of transformation of public school to popular public school for the education of popular classes. The results allow saying about importance to include popular cultures in school space, to recognize the union between education and culture and to favor the building of an include public school. Therefore, this paper shows the cultural production of popular classes and the story of hers and his producing, it is establishing a commitment with the character to tell by himself, telling another and to express about relations of power. In this way, this text indicates the needing of break, abandon of process of valuating of mass culture; culture that does not mean to producing characters, but it to costuming and, further, it silences the cultures, those live together, of groups of students that frequent the Brazilian public school.

Keywords

Popular Culture. Popular Public School. Multiculturalism.

* Doctor in Education at Universidade de São Paulo, colaborator teacher of Grupo de Pesquisa em Educação e Culturas Populares of Education Graduation at Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: gercinanovais@yahoo.com.br.

** Expert in Philosophy at Universidade Federal de Uberlândia, math teacher of public education in Uberlândia, member of Grupo de Pesquisa em Educação e Culturas Populares of Education Graduation at Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: iraidesrs@yahoo.com.br.

*** Expert in Special Education at Universidade Federal de Uberlândia, works with pedagogy of public education in Uberlândia, coordinator of the Programa de Formação Continuada com Profissionais do Ensino Básico em Exercício nas Redes Públicas de Ensino. E-mail: adcantalogo@proex.ufu.br.

Introdução

Festa de um povo

O deus Tupã ordenou pro povo da floresta
Que venham e tragam seus arcos e flechas
Pois hoje será dado o início da festa
Ao redor de um grande fogo
Mostramos ao mundo
A festa de um povo que traz como símbolo
Um boi, com um coração na testa
Bate o tambor que meu boi já chegou
Trouxe magia e também esplendor
Bate o tambor que meu boi já chegou
Pra galera vibrar e sorrir e cantar [...]
(CARRAPICHO, 2009)

Vaca Estrela e Boi Fubá

Seu doutor me dê licença pra minha história
contar.
Hoje eu tô na terra estranha, é bem triste o
meu penar.
Mas já fui muito feliz vivendo no meu lugar.
Eu tinha cavalo bom e gostava de campear.
E todo dia aboiava na porteira do curral [...].
(ASSARÉ, 2009)

O presente texto retoma e analisa diálogos sobre os significados dos saberes e das culturas populares nos contextos de ensino formal ocorridos no Seminário Coletivo do Programa de Formação Continuada com Profissionais do Ensino Básico em Exercício nas Redes Públicas⁴ de Ensino, programa vinculado à Pró-reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis da Universidade Federal de Uberlândia. O objetivo do seminário foi contribuir para a elucidação de problemas enfrentados no cotidiano das escolas públicas, relacionados à marginalização dos saberes e das culturas populares, a fim de fomentar o debate sobre a urgência da superação da visão simplista e totalizante do conhecimento acadêmico e a importância da valorização da pluralidade cultural e das narrativas orais dos membros das

classes populares. Isso porque tais reflexões podem contribuir para a criação de ambientes de aprendizagem favoráveis ao acesso, à permanência e à conclusão com qualidade dos estudos dos alunos das classes populares.

Para a organização das narrativas apresentadas e analisadas no Seminário, as professoras Iraídes Reinaldo da Silva e Gercina Santana Novais retomaram fragmentos de pesquisa bibliográfica e documental sobre determinadas manifestações das culturas e dos saberes populares, especialmente, as Festas do Boi Bumbá e do Congado, a produção do poeta Patativa do Assaré, da escritora Carolina de Jesus e do ator e compositor Grande Otelo, Sebastião Bernardes de Souza Prata, buscando mostrar a rede de significações, de criação e de provocação de novas obras presentes nas expressões culturais. Assim, foi possível discutir a contribuição dos saberes e das culturas populares para a escola, ou melhor, refletir sobre a pertinência de uma escola pública popular.

Escola pública: que espaço é este?

Enquanto instituição oficial de ensino, a escola pública deve ser um espaço onde se manifestem os encontros e os desencontros de diversas culturas e a valorização de diferentes produtores de cultura sem distinção de cor, credo, classe social ou raça. Deve, ainda, buscar um ensino de e com qualidade que atenda às necessidades e aos interesses de todos. Entretanto, pode-se afirmar que esta escola não é para todos, conforme mostram os estudos de Esteban (2007), Novais (2005), Novais e Cicillini (2009), Patto (1999), dentre outros. As práticas educativas ali desenvolvidas vinculam-se a uma classe social e reproduzem um modelo de educação que reforça o poder dominante, hierarquizando culturas, criando camadas

4. Este seminário ocorreu no período de 21 a 23/10/2009, na Universidade Federal de Uberlândia.

populares invisíveis no ambiente escolar ou permitindo que algumas dessas culturas entrem na escola apenas como um espetáculo com data e hora para iniciar e terminar, durante as comemorações oficiais vinculadas, por exemplo, ao dia do índio, 19 de abril (NOVAIS, 2005).

Nesse contexto, é importante mencionar que Esteban (2007), ao se referir especialmente à produção do fracasso e exclusão escolar, afirma:

Impossível discutir a escolarização das classes populares sem nos remetermos a uma longa história de fracassos diversos que, por múltiplos percursos, têm negado aos estudantes a possibilidade de ter a experiência de êxito, numa relação em que a escola se configure como um espaço significativo de ampliação de conhecimentos para todos. Entretanto, os processos instituídos com o sentido de ampliar o acesso à escola e de nela garantir a permanência dos alunos não expressam claramente o compromisso com a educação popular. O mesmo podemos afirmar sobre o encaminhamento da formação docente, em suas vertentes, inicial e continuada (p. 10).

Assim sendo, cabe desconstruir o modelo de educação que privilegia a cultura da classe dominante e devolver a voz aos silenciados. O saber popular deve conviver com o saber acadêmico, sem hierarquização. E, nesse sentido, a opção por incluir as culturas populares no cotidiano das escolas públicas requer ações coletivas e individuais. A título de ilustração, o professor, ao comprometer-se com a escolarização das classes populares, certamente escolherá uma prática pedagógica que vai movê-lo a mergulhar no mundo das particularidades dos sujeitos e dos seus grupos sociais e, assim, poderá perceber como é o viver e o conviver do aluno. Essa ação é complexa e demanda reflexão sobre a concepção predominante acerca do conhecimento presentes nos currículos escolares. Candau (2008, p. 33) afirma que,

[...] em geral, implícita no desenvolvimento de nossos currículos está uma visão do conhecimento a-histórica, a qual concebe

o conhecimento escolarizado como um acúmulo de fatos e conceitos que, uma vez constituídos, se estabilizam, adquirem legitimidade social e se transformam em verdades inquestionáveis.

Assim, no processo de devolução da palavra, é necessário reconhecer o outro e celebrar as várias lógicas, saberes e linguagens. Para tanto, as narrativas orais, práticas tão comuns em ambientes populares, devem ser vistas como aliadas do professor no processo de imersão nas culturas dos grupos de convivência de seus alunos. Além disso, essas narrativas não são apenas pontes para iniciar o diálogo com os alunos, pois têm valor próprio, na medida em que são compreendidas como produções culturais. Por conseguinte, essas produções culturais e a história de seus produtores devem ser incluídas no currículo da escola pública. Por isso, é fundamental incluir nos cursos de formação inicial e continuada de professores questões relativas às diferentes culturas e os modos como estas têm sido incorporadas na educação escolar. De acordo com Brandão,

ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela; para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar, para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos vida com educação. Com uma ou com várias educação ou educações? (BRANDÃO, 2004, p. 7).

Todavia, é importante perguntar: há necessidade de qualificar a educação? De fato, reafirmamos que a escola pública oferece uma educação que não atende às necessidades dos alunos das camadas populares, não os prepara para enfrentar e exercer seus direitos enquanto cidadão, colaborando para a continuidade das condições de exclusão. A leitura do trecho do livro “Quarto de Despejo”, de Carolina de Jesus, nascida em 1914, no município de Sacramento-MG, negra, de família pobre, mãe

solteira de três filhos, catadora de papel, que estudou apenas até o segundo ano primário, nos ajuda a refletir sobre a urgência de colocar no centro da discussão sobre formação docente e currículo o contexto de vida dos alunos da escola pública. O livro registra a narrativa de Carolina de Jesus sobre a fome cotidiana, a miséria, os abusos e os preconceitos sofridos por ela, seus filhos e outros moradores da favela.

Narrativa 1

Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar (JESUS, 2001, p. 9).

Adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rústico. Eu até acho o cabelo negro mais educado do que o cabelo de branco (Ibid., p. 58).

Quando eu não tinha nada o que comer, em vez de xingar eu escrevia (Ibid., p. 170).

O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora. (Ibid., p. 26).

A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra [...] (Ibid., p. 147).

A favela é o quarto de despejo de uma cidade. Nós, os pobres, somos os trastes velhos (Ibid., p. 171).

Escrevo a miséria e a vida infausta dos favelados (Ibid., p. 173).

Carolina de Jesus mostra em seus escritos os problemas sociais, tão comuns para a população das camadas populares. Acolher suas narrativas como fonte de estudos na academia permite ter acesso a um tipo de registro sobre

as condições de vida das classes populares feita por alguém que descreve o que viveu. Essas narrativas podem provocar novas narrativas de alunos das escolas públicas, identificação e possibilidades de transformação das relações sociais que retiram a condição de humanidade de parcela significativa de homens e mulheres.

Nessa perspectiva, faz-se necessário desconstruir o mito de uma educação que é neutra e universal para dar lugar a uma educação que tenha sabor de vida, de alegria, de emoção e de humanidade; essa educação é orientada para garantir o direito à escolarização a todos. Nesse contexto, é importante qualificar a educação. Torná-la plural, popular e inclusiva.

Vejam a narrativa do compositor e ator Grande Otelo, Sebastião Bernardes de Souza Prata, nascido em 18 de outubro de 1915, em Uberlândia-MG, que disserta sobre o início de sua carreira em um circo que precisava de um menino para contracenar com o palhaço. A narrativa mostra a riqueza das culturas populares, oferecendo elementos para um diálogo sobre possibilidades de reconhecer diferentes sujeitos como produtores de culturas.

Narrativa 2

Eu me apresentei fantasiado de mulher grávida, com um travesseiro na frente e outro atrás, por baixo das roupas. Só se esqueceram de me avisar que havia tiros na cena. Quando ouvi os estampidos, fugi apavorado. A platéia caiu na gargalhada e o pessoal do circo me chamou para repetir no dia seguinte.

(<http://negrosnahistoria.blogspot.com>).

Narrativa 3

Praça onze

Vão acabar com a Praça Onze
Não vai haver mais Escola de Samba, não vai
Chora o tamborim
Chora o morro inteiro
Favela, Salgueiro
Mangueira, Estação Primeira

Guardai os vossos pandeiros, guardai
Porque a Escola de Samba não sai
Adeus, minha Praça Onze, adeus
[...]
(Herivelto Martins e Grande Otelo)

Essas produções culturais mencionadas acima permitem afirmar, a partir do reconhecimento do entrelaçamento entre culturas e educação, que desenvolver educação pública popular é celebrar sujeitos e culturas, é despir-se para o outro, é entender e entrar no mundo do outro, é criar cenários favoráveis à aprendizagem dos alunos e dos professores. A título de ilustração, o professor que trabalha com ênfase no reconhecimento e na valorização das particularidades do outro necessita conhecer e valorizar as culturas dos alunos, para poder compreendê-los melhor. É interessante mencionar que o professor da escola pública de qualquer disciplina pode e deve trabalhar com o foco na educação popular, adotar uma abordagem das diferentes temáticas a partir dos princípios e diretrizes desse tipo de educação e, certamente, incluir no currículo a produção das classes populares em diferentes áreas do conhecimento.

Para ilustrar essa questão, seguem narrativas sobre manifestações culturais e festas tradicionais que demonstram práticas educativas que auxiliam na construção de identidades e modos de conviver. São duas manifestações culturais: uma na região norte, onde acontece a Festa do Boi Bumbá da Ilha de Tupinambarana, na cidade de Parintins-AM, e a outra, no município de Uberlândia-MG, a Festa de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito.

Na ocasião da festa do Boi Bumbá, dois bois se apresentam na arena do bumbódromo: o boi Garantido (vermelho) e o boi Caprichoso (azul). Ali há uma explosão de cores, de magia, de beleza e de vida que mantém vivos os costumes e as lendas de um povo, celebrados nas toadas, nas fantasias, nas danças e nas encenações que destacam a cultura indígena e suas figuras religiosas, como pajés e feiticeiros. No

momento em que um dos bois faz sua evolução na arena, a torcida contrária fica em completo silêncio, em sinal de respeito e contemplação, enquanto a torcida do boi que se apresenta, pode e deve se manifestar, participando do espetáculo. A cidade se transforma e as residências, casas comerciais, carros, táxis, instalações de serviços públicos e privados são pintados, em cada metade, nas cores vermelho e azul. Assim, como o carnaval do Rio de Janeiro, as Cavalhadas em Goiás, o São João do Nordeste, dentre outras festas populares, a Festa do Boi foi incorporada na agenda da indústria cultural, transformando-se num produto. Entretanto, é importante reconhecer também os processos de resistência promovidos por membros de diferentes gerações, responsáveis pela preservação dessa manifestação cultural. Um saber popular que brota da cultura de um povo, carregado de simbolismos, de sentimento de emoção, e retrata a história de um povo, como nos mostra uma das toadas de boi.

Mas, como afirma Fleuri (2010, p. 579),

é preciso reconhecer as culturas populares, no plural, que constituem as diferentes formas de organização social e de interpretação da realidade construídas pelos diferentes grupos sociais que constituem as chamadas “classes subalternas”. São culturas com representações sociais e visões de mundo específicas, elaboradas segundo lógicas e categorias próprias. Ao ignorá-las ou desqualificá-las, os intelectuais e operadores sociais correm o risco de não entendê-las, de invalidar esses saberes e reforçar a trama de poder que, em nossa sociedade, subjuga essas culturas.

É preciso introduzir na discussão sobre a aproximação dos intelectuais dos saberes e das culturas populares a crítica aos paradigmas tradicionais utilizados na produção da ciência oficial, que pressupõe, por exemplo, um método único para produzir e validar conhecimentos, e reconhecer que os elementos centrais do paradigma indiciário vêm orientando a produção dos saberes e das culturas populares,

pois “[...] Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la” (GINZBURG, 1989, p. 177).

Narrativa 4

Mística do Pajé

[...] Guerreiro pajé, curandeiro pajé
Celebra o luar, expulsa o anhangá
Avisa que o mal nunca vai afetar
O encontro tribal, encanto geral
Na busca da paz, na língua geral
Retoma o lugar, parece um altar
No centro da okara oferece um grande ritual
(David Assayag)

Pássaro sonhador

[...] viaja caboclo viaja
braço forte na remada
como se ouvisse bem alto
o batucar da marujada
a floresta na magia,
respondendo com esplendor
mostra mais linda toada,
caminho da ilha encantada
na voz de um caboclo sonhador
viaja caboclo viaja
vai chegando ao seu chão
como um sonho de marujo
reacendendo a emoção
ele esquece do remo
ele esquece da dor
balançando as bandeiras
na arena seu mundo se revela
agora ele é um pássaro sonhador
(Arlindo Junior, 2009).

A Festa do Boi Bumbá do Festival de Parintins mostra o entrecruzamento entre cultura e educação. Ensina como lidar com o/a outro/a, respeitando suas diferenças e devolvendo-lhe a palavra.

Em Uberlândia, por exemplo, a Congada é formada por ternos de Moçambique, Catupés, Congos e Marinheiros que reunidos constituem a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos

Homens de Cor de Uberlândia. Vejamos:

Narrativa 5

[...] Salve, salve Uberlândia
E o Triângulo Mineiro
Salve São Benedito oi
É nosso padroeiro
Refrão

Este congo não é meu
Ele é da Virgem Maria
Salve Nossa Senhora, ei
Ela é nossa madrinha
Refrão
[...]
(Congo de Sainha, 2003)

Nossa Senhora, olha eu
Além de São Benedito eu sou filho seu
Sou congadeiro, catupé, moçambiqueiro
Afro brasileiro sou filho de Deus
[...] Não sei lê, não sei escrever
Sou apenas o poeta
Filho de São Benedito e Nossa Senhora
Que é a dona da festa [...]
(Moçambique Princesa Isabel, 2003)

É importante rememorar que

Os rituais não são apenas espaços e tempo de comunicação com o invisível, o sobrenatural e o imponderável. Também são extraordinários meios de se reforçar os laços comunitários, quando as pessoas podem reencontrar-se no grupo e recriarem sua identidade em unidade com o coletivo (SANTOS, 2008, p. 210).

A Congada é uma expressão das culturas, da fé, da religiosidade e da resistência de um povo com forte herança negra na sua cultura. Jovens, crianças e idosos festejam juntos e repassam a tradição cultural afrodescendente de geração em geração. Segundo Silva (2008, p. 41), “a Congada é um ritual híbrido que agrega, de um lado, a coroação de reis negros, e de outro, o culto aos santos católicos, geralmente Nossa Senhora do Rosário e São Benedito [...]”. Como mencionado anteriormente, as imagens registradas dão visibilidade para uma das

manifestações culturais dos afrodescendentes que, em sua maioria, foi ou é aluno de escola pública; escola cujo currículo não contempla o estudo da Festa do Congado e a história dos produtores desta cultura.

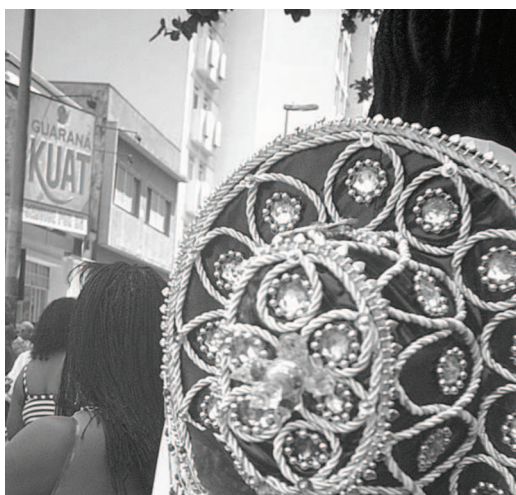


Fig. 1: Festa do Congado em Uberlândia. Foto: Iraídes Silva, 2008



Fig. 2: Festa do Congado em Uberlândia. Foto: Iraídes Silva, 2008.



Fig. 3: Festa do Congado em Uberlândia. Foto: Iraídes Silva, 2008.

Considerações Finais

A escola pública, enquanto instituição educacional, não pode educar para a barbárie. O tempo e o espaço dessa instituição devem ser ocupados pelas culturas produzidas em diferentes lugares e por diferentes grupos sociais. Para tanto, as práticas educacionais devem se apoiar em diálogos que valorizem as culturas de cada um dos sujeitos que compõem o cenário escolar. Todavia, nas escolas, em geral, a cultura popular mantém-se invisível.

É preciso romper com esse silêncio, incluir a cultura popular também no espaço escolar, auxiliando na construção de uma escola pública popular inclusiva, trazendo para a cena a produção cultural das classes populares e a história de seus produtores. Nessa perspectiva, é fundamental que educadores desenvolvam práticas pedagógicas que promovam relações, no ambiente escolar, pautadas pelo respeito às particularidades, contemplando o compromisso com as várias formas de o sujeito narrar-se, narrar o outro e expressar relações de poder.

Referências

- ASSARÉ, Patativa. **Vaca Estrela e Boi Fubá**. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br>>. Acesso em: 01 out. 2009.
- ASSAYAG, David. **Mística de Pajé**. Disponível em <<http://letras.terra.com.br>>. Acesso em: 02. out. 2009.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. São Paulo: Brasiliense, 2004 (Coleção Primeiros Passos).
- CARRAPICHO. **Festa de um Povo**. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br>>. Acesso em: 02 out. 2009.
- CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, Antonio Flávio; CANDAU, Vera Maria (orgs.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 13-37.
- CENTRO LATINOAMERICANO EM SEXUALIDADE E DIREITOS HUMANOS. **Gênero e Diversidade na Escola: Formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais: Livro de Conteúdo. Versão 2009**. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.
- ESTEBAN, Maria Teresa. Educação Popular: desafio à democratização da escola pública. In: **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 27, n. 71, p. 9-17, jan./abr. 2007.
- FLEURI, Reinaldo Matias. Víctor Valla e a pesquisa militante. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, n. 42, p. 579-582, set./dez. 2009.
- GARCIA, José Alves. Congo Sainha. **Uberlândia: Projeto Memória do Congado**, 2003. 1 CD-ROM. Parte integrante do Projeto Memória do Congado.
- GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das letras, 1989. p. 143-179.
- JESUS, Carolina Maria. **Quarto de Despejo**. 8. ed. São Paulo. Ática, 2001.
- JR. Arlindo. **Pássaro sonhador**. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br>>. Acesso em: 05. out. 2009.
- NOVAIS, Gercina Santana. **A participação excludente na escola pública: um estudo sobre as representações de aluno, escola e prática pedagógica**. 2005. 239 f. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- NOVAIS, Gercina Santana; CICILLINI, Maria da Graça. As ações associadas à inclusão escolar nas vozes das educadoras. SEMINÁRIO NACIONAL: O UNO E O DIVERSO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR, 10., 2009, Uberlândia. **Anais...**, Uberlândia: EDUFU, 2009.
- OTELLO, Grande; MARTINS, Herivelto. **Praça onze**. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br>>. Acesso em: 11. out. 2009.
- PATTO, Maria Helena S. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.
- SANTOS, Cláudio Alberto. O coração pulsando nos quadris da dança Moçambiqueira. In: ALCÂNTARA, Ana Paula (Org.). **Congos, Moçambiques e Marinheiros: olhares sobre o patrimônio cultural afro-brasileiro de Uberlândia**. Uberlândia: Gráfica Composer Editora Ltda., 2008. p. 207-251.

SILVA, Nestor Vidal. Moçambique Princesa Izabel. **Uberlândia**: Projeto Memória do Congado, 2003. 1 CD-ROM. Parte integrante do Projeto Memória do Congado.

SILVA, Renata Nogueira. Festa da Congada. A tradição resignificada. In: ALCÂNTARA, Ana Paula (Org.). **Congos, Moçambiques e Marinheiros**: olhares sobre o patrimônio cultural afro-brasileiro de Uberlândia. Uberlândia: Gráfica Composer Editora Ltda., 2008, p. 39-70.

Submetido em 11 de março de 2010

Aprovado em 09 de junho de 2010